



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES VISUAIS
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Bruna Araújo Silva

Abordagens em artes visuais dentro de educativos em museus e espaços culturais - os lugares da mediação e suas construções em Brasília

Brasília DF
2019



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES VISUAIS
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

Bruna Araújo Silva

Abordagens em artes visuais dentro de educativos em museus e espaços culturais - os lugares da mediação e suas construções em Brasília

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade de Brasília como parte das exigências para a obtenção do título de Habilitação de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da UnB. Orientadora: Prof^a. Dr^a. María del Rosario Tatiana Fernández Méndez.

Brasília DF
2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES VISUAIS
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Bruna Araújo Silva

Abordagens em artes visuais dentro de educativos em museus e espaços culturais - os lugares da mediação e suas construções em Brasília

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade de Brasília como parte das exigências para a obtenção do título de Habilitação de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da UnB. Orientadora: Prof^a. Dr^a. María del Rosario Tatiana Fernández Méndez

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a: Luisa Günther

Universidade de Brasília. IdA.

Prof^a. Dr^a: Ana Paula Caixeta

Universidade de Brasília. IdA.

Brasília, _____ de _____ de 2019

Quando falamos em escola, pensamos no edifício, a escola não é um edifício, a escola são as pessoas.

José Pacheco

Agradecimentos

Agradeço imensamente à minha primeira educadora e mediadora de mundos, Aurenice da Silva Araújo, mãe, amiga, artista que me apresentou ao mundo, educando o meu olhar desde sempre a ser sensível e a tratar a todos com respeito, me ensinando que o maior bem que podemos ter é poder voltar o nosso olhar aos outros, educando, dessa forma, a nós mesmos. O construído até aqui em conhecimento, poder ter ido tão longe em meus desejos de compreender e questionar o mundo, só me foi possível graças a sua imensa sabedoria, força e sensibilidade.

Agradeço ao meu pai, Francisco Genival Silva, mesmo em meio as tribulações de grandes desafios diante de minhas escolhas pessoais e profissionais, ter dado apoio e estrutura, seja em todas as noites tardes de volta da Universidade, me buscando na parada em sua garupa da bicicleta, seja buscando me fortificar em momentos de saúde frágil, com constantes lembretes de me lembrar da alimentação, isso que é tão especial em nossas famílias, a nossa boa desculpa para nos reunirmos, o que também levei comigo na universidade, nos ambientes mais endurecidos da rotina, compartilhando lanches e desculpas para a descontração.

Agradeço a minha irmã Valéria Araújo Silva, ao seu apoio em meus momentos de fragilidade, em sua presença e participação diária em minhas brincadeiras e provocações, que alimentaram imensamente minha alma todos esses dias. Sua parceria de amiga e irmã, que me socorreu inúmeras vezes buscando materiais que eu precisava, suportando meus dias ruins de humor e fazendo deliciosos bolos sem leite para mim.

Agradeço a Aurena da Silva Araújo, minha segunda mãe, por todo o seu apoio que tem me dado até hoje, por todas suas ações carinhosas que me nutrem e me dão forças para vencer dia após dia, com seu exemplo de fé inabalável de vencer os desafios e mostrar que é possível. Nos momentos de fraqueza, recitava sempre mentalmente sua famosa frase de retirada de barreiras diante de nós, "que tudo de ruim, vá para o fundo do mar sem fim". Sua presença em minha vida é de extrema importância e significância, sua amizade e todos os nossos diálogos e conversas, estão presentes em toda a construção que faço e que farei em minha vida, sua teimosia em ir atrás de seus desejos a todo custo me inspiram a perseguir também os meus desejos. Por zelar sempre por mim e pelo seu exemplo, meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço a Felipe Santana André imensamente, em todos os momentos em que convivemos e compartilhamos desde nosso primeiro encontro no Instituto de Artes, sem suas contribuições em diálogos, trocas entre nós, de inúmeras questões de nossa área de curso e sobre o universo, não teria conseguido

conectar e expandir tão rápido as várias sementes das Artes Visuais que me faltavam semear, essas trocas foram cruciais para o meu amadurecimento como estudante, como pesquisadora e como artista. No momento mais frágil de minha vida acadêmica e emocional, surge sua presença e seu apoio, que permaneceu insistentemente me apoiando (agradeço muito) até aqui, me nutrindo de força, afeto e sensibilidade. As memórias das tardes e noites na concha acústica conversando sobre o que viria de nossas escolhas no curso, nossas participações juntos em projetos e exposições, sempre voltando o nosso olhar para o mais longe do horizonte possível, a somatória de nossos esforços e desejos sinceros de fazer prosperar possibilidades de diálogo, possibilidades de expansão em práticas de artes visuais com alunos, tudo isso está enraizado em meu ser, como doces frutos dessa trajetória.

Agradeço a Lucas Matheus Silva, primo, irmão, com quem passei anos em parceria e amizade, crescendo e amadurecendo com o lúdico da vida, conversando em todas as festas de família, trancados no quarto, pensando sobre sonhos, raivas e inquietações. Agradeço pelas trocas e parcerias dentro da universidade, o primeiro grande momento de construção de conhecimento em minha vida, principalmente sobre educação, na pedagogia, dormindo juntos no subsolo do minhocão nos intervalos das aulas, almoçando no restaurante universitário e dividindo muitas risadas, meu muito obrigada.

Agradeço a todos os professores que me inspiraram e me ensinaram as ferramentas para trilhar o caminho profissional da educação e da pesquisa, em especial aos professores de artes visuais e a minha orientadora María del Rosario Tatiana Fernandez Mendez, por me orientar de forma que eu desse o meu melhor mesmo em meio a contratempos, sua atuação como professora e pessoa me servirão de exemplo pelos próximos caminhos, meus mais sinceros agradecimentos!

Agradeço a minha sogra Conceição, por todos os dias que me ajudou cedendo sua casa, para que eu pudesse ter acesso a internet durante minhas pesquisas, as suas conversas nos intervalos, ao apoio, agradeço pelo compartilhamento de dias de descontração regadas com pizzas feitas pelo nosso filho.

Agradeço e dedico esse trabalho também aos meus amados filhos felinos, que me acompanharam durante todo o processo e tiveram paciência com minha ausência, Arthur, Cindy e Mel.

Resumo

SILVA, Bruna Araújo. Mediações em artes visuais dentro de educativos em museus e espaços Culturais. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília, 2019.

Este trabalho tem por finalidade pesquisar as diferenças de abordagens em artes visuais no âmbito educativo de museus e espaços culturais, somado as abordagens que se pratica em tais espaços situados em Brasília, trazendo um histórico da construção do museu como instituição que conhecemos hoje, assim como seu modelo que influenciou as práticas brasileiras. Os conceitos de visita guiada são trazidos pela autora Denise Grinspum. Quanto aos conceitos da abordagem de mediação, são trazidos pelo autor Luiz Signates. Para entender como os responsáveis na área educativa de tais setores desenvolvem seu trabalho, foi usada a estratégia de pesquisa qualitativa, com entrevistas feitas com essas pessoas relacionadas diretamente com o objeto de estudo, a fim de analisar possíveis conflitos na área de prática mediada, assim como perceber como tem se dado a construção em Brasília e o que podemos esperar de perspectivas futuras.

Palavras chave: Espaço cultural. Intermediação. Mediação. Museu. Visita guiada.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1: O Museu e sua antiguidade	10
1.2. Museus – Aproximações	14
1.3. Museus – Cenários Brasileiros.....	15
1.4. Museus e o espaço educativo.....	15
Capítulo 2: Abordagens educacionais em museus e galerias, referências diretas de aplicação ou influências?	18
2.1. Visita guiada e suas aproximações.....	19
2.2. Mediação	20
Capítulo 3: Metodologia de pesquisa	26
3.1. Análise das abordagens educativas no cenário de Brasília	32
Conclusão	36
Referências	38
Anexo A.....	40
Anexo B.....	42
Anexo C	43

Introdução

A proposta deste trabalho é abordar o início das práticas educacionais em museus como conhecemos e utilizamos atualmente, resgatando, em especial, o histórico e desdobramentos da investida educacional nesses espaços, chegando em problemáticas de abordagens ao público no âmbito educativo atualmente, em uma busca por compreender as duas abordagens mais mencionadas no meio. A questão inconsistente do âmbito educacional dos museus é abordada com ênfase especial em virtude de uma inquietação pessoal de vivência em trabalhos dentro de espaços culturais e museus, somada, com isso, as escassas fontes de referências na Universidade de Brasília relacionadas ao estudo de práticas dentro de programas educativos.

Diante disso, são feitas aproximações e relatos do início das práticas museais e educacionais nos cenários brasileiros, entendendo dessa forma suas influências externas que permanecem nas estruturas que conhecemos e utilizamos ainda hoje, somadas à significativas mudanças ainda em processo que trilham um caminho voltado às especificidades internas do país e uma consolidação de programas educativos em instituições culturais e museus.

Dois principais abordagens ao público visitante desses espaços são trazidas, utilizando trabalhos-chaves através da autora Denise Grinspum, que contribui com importantes sistematizações acerca de visita guiada, e do autor Luiz Signates, sistematizando a problemática de origem da palavra mediação e seus campos de aplicação. Para obter uma amostra das perspectivas atuais e das que serão desenvolvidas em virtude de ações educativas com o público em relação às artes visuais, foi escolhido, devido minha proximidade profissional, aplicar a em área educativa de espaços culturais e museus situados no Plano Piloto de Brasília.

Capítulo 1: O Museu e sua antiguidade

Nós, seres humanos, sempre sentimos a necessidade de saber sobre nossa história, nosso existir na face da terra. Um dos meios desse estudo se dá através de objetos que criamos desde os primórdios para nossa subsistência, entendendo como isso era utilizado, seu desenvolvimento, forma, até os objetos naturais, culturais, religiosos e demais manifestações e utilidades históricas, sistematizamos o conhecimento de tudo o que fazemos desde sempre e os objetos eram mediadores do mesmo, de contato com algo que passou e de investigação. Como nos sítios arqueológicos presentes no Brasil, a exemplo, o Parque Nacional Serra da Capivara¹, museus naturais que abrigam o ato que permanece registrado das pinturas rupestres, com vestígios de passagem do ser humano com datações de até 60.000 a.p.² (antes do presente), disponíveis para a visitação, o conhecimento, a difusão por intermédio das novas tecnologias hoje existentes, como imagens, seja em papel, seja por meios digitais.

Os primeiros museus surgiram na Grécia, onde a ênfase maior estava nas práticas científicas e filosóficas, com espaço para obras expostas com o objetivo religioso de ofertar o mesmo as tais divindades. Muito dessa origem de organização foi mudada, chegando às definições que utilizamos hoje em dia e que, aos poucos, se adapta a questões novas do meio social, organizamos com o tempo construções, espaços, museus que armazenam e difundem objetos de ações já constituídas.

No Brasil, temos atualmente a definição de museu por meio de decreto de lei. De acordo com a Lei nº 11.904, disponível no site do Planalto:

¹ O Parque Nacional Serra da Capivara foi criado em 1979, para preservar vestígios arqueológicos da mais remota presença do homem na América do Sul. Sua demarcação foi concluída em 1990 e o parque é subordinado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Por sua importância, a Unesco o inscreveu na Lista do Patrimônio Mundial em 13 de dezembro de 1991, e também na Lista Indicativa brasileira como patrimônio misto. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/42>. Acesso em 05/06/2019.

² Preciosidade brasileira pouco explorada, antes dos museus institucionais tem os nossos imensos museus abertos com muito a descobrir. Fonte: MORIM, Júlia. Parque Nacional da Serra da Capivara. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <https://bit.ly/2JZfvEH>. Acesso em 14 jun 2019.

“Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”. (BRASIL, 2009)

Sendo assim, não há atualmente apenas um campo de saber a ser tratado em museus, encontramos as mais variadas temáticas e nacionalidades, hoje aberto ao campo das artes. Para entender a multiplicidade de formatos e relações que se estabelecem nesses espaços museais, foi traçada uma retrospectiva histórica desses locais, dos objetos e das ligações com as pessoas envolvidas nessa relação, em especial, ligações que se aproximem com o aspecto educacional ou com o contato com um público exterior.

Os museus e sua utilização no século XXI, como utilizamos de forma institucional (importante lembrar), tem como influência os chamados “Gabinetes de curiosidades”, cuja definição é relatada no artigo de Moana Campos Soto

Durante a época das grandes explorações e descobrimentos dos séculos XVI e XVII, se colecionavam uma multiplicidade de objetos raros ou estranhos dos três reinos considerados pela biologia na época: *animalia*, *vegetalia* e *mineralia*; além daqueles que eram produtos do trabalho humano. Apareceram desta forma, durante o Renascimento na Europa, as grandes coleções, reunidas desde os séculos passados, e constituídas pelas mais variadas peças, surgindo os chamados Gabinetes de Curiosidades ou Câmaras de Maravilhas, aonde diferentes objetos eram reunidos sob o sentido da acumulação. Em geral, nestes eram expostos curiosidades e achados procedentes de novas explorações ou instrumentos tecnicamente avançados. (SOTO. 2014, p. 58 e 59)

O que se sucedeu após os Gabinetes de Curiosidades foram formatos de museus que começavam a pensar sobre a disposição dos objetos, como as obras seriam colocadas, quais as combinações, como pensar sobre o ambiente todo, diferente dos gabinetes que até tinham um trabalho manual rico, com vários detalhes. No entanto, os objetos eram reunidos nos gabinetes (e mais tarde em ambientes maiores) sem preocupação de adequar a disposição visual para quem fosse visitar; no máximo com classificações gerais de origens comuns.



Willem van Haecht, *Apelles painting Campaspe*, c.1630, óleo sobre madeira, 105x148cm, Mauritshuis, Holanda. Fonte: <https://www.mauritshuis.nl/en/explore/the-collection/artworks/apelles-painting-campaspe-266/>.

O primeiro museu a pensar e executar essa preocupação sobre como seriam expostas as coleções, situava-se em Paris, no século XVIII, como relata Maria Teresa Silveira:

Na Paris do final do século XVIII, as práticas museológicas que conhecemos atualmente como a exposição das obras, a classificação e a iluminação foram discutidas e pensadas pela primeira vez. A preocupação com estes critérios evidencia uma construção de ideias que se desenvolveram ao longo de décadas no interesse de estabelecer as bases para a criação do museu público de arte. (SILVEIRA. 2019. p. 29)

Silveira cita a pintura a óleo de Willem van Haecht, exemplificando como eram organizadas as coleções nas salas de exposição ao público. Os quadros ocupando toda a parede e vários objetos de classificações diferentes, como ela explica, era a forma de organizar e foi influenciada pelos gabinetes de curiosidades.

Encontramos na Galeria Luxemburgo o primeiro espaço expositivo de arte aberto ao público. Um dado histórico interessante para entender as relações de contato e educativas, pois ali era dada a preocupação de como seriam

dispostas as obras e como isso influenciaria ou auxiliaria o público no momento da visita. Segundo Silveira,

A Galeria Luxemburgo chegou a publicar um catálogo oficial que guiava o visitante através da exposição: a escolha das pinturas, seu arranjo e disposição correspondiam às informações contidas nas páginas do catálogo. (SILVEIRA. 2019, p. 30)

Enquanto isso, os museus são forçados a mudar as formas de se pensar os artefatos, que perdem espaço diante de uma avalanche de produção por intermédio das novas tecnologias e novas negociações de mercado. Se antes havia apenas uma colher desenvolvida por um grupo social, após as indústrias tinham-se várias, tornando cada vez mais caras as negociações de troca e permanência de armazenamento em espaços com o alto valor que os objetos manufaturados tinham. E o desinteresse social, já não convém como uma diversidade de amostras, simplesmente, mas um estudo mais pontual sobre o que se quer montar e investir, setorizando os museus em áreas do conhecimento e passando a investir no campo das artes visuais:

Os museus deveriam, portanto, conhecer os diferentes percalços que objetos enfrentam até chegar ao museu e amealhar amostras consistentes de material que dissesse respeito às suas disciplinas. A maior parte dos museus, contudo, está voltada para recuperar o passado e os únicos museus que se preocupam em coletar o presente são os museus de história natural e os de artes plásticas. (SUANO. 1986, p. 8 e 9)

Os objetos eram adquiridos e armazenados como preciosidades que serviam a um grupo específico da sociedade, sem se pensar ou lidar com as questões vinculadas intimamente a suas origens, nações, grupos culturais ou até mesmo formas de obtenção do mesmo - o que era percebido por membros da sociedade que se deparava com esses espaços, enquanto os grupos selecionados a quem eles serviam mantinham um bom vínculo de relação. Com os demais era gerado uma margem de desconforto, explica Marlene (1986, p.35)

Os edifícios, mas principalmente as coleções, estavam carregados de um simbolismo negativo, completamente alheio à origem e função dos objetos que os compunham. Para o povo, tais riquezas representavam, em última análise, a expropriação a que tinham sido submetidos ao longo de séculos e os desmandos e arrogância da nobreza e monarquia enfim

suplantadas ou, ao menos, com poderes agora bastante diminuídos. (MARLENE. 1986, P.35)

Diante da perda de espaço, necessidade de investimento em relações para a permanência financeira e de valor na sociedade, os museus passam a rever as relações que ali dentro eram estabelecidas, assim como repensam o enfoque e valor de objetos, aderindo à produção industrial e fomentando práticas educacionais. Temos as origens de tal ato enunciadas por Ana Mae Barbosa em seu livro *A imagem no ensino da arte* (2001, p. 84) “O primeiro museu a criar a função de arte-educador foi o Victoria and Albert Museum, em 1852. Acoplado a uma escola de artes industriais, a South Kensington School”. Vários espaços museológicos foram tomando para si essa investida ação com o público, sem um padrão sistematizado acerca dessas atividades, ocorrendo de formas diferentes em cada espaço museológico.

1.2. Museus – Aproximações

Buscar os históricos, os vestígios de como se deram as ações nos espaços expositivos e museais é uma forma de aproximação de um tempo passado, um deslocamento do agora para um momento em que não estivemos presentes, olhando os rastros. Quando possível, podemos buscar essa aproximação indo até os lugares presentes, visitando, no sentido de criar ligações com esses lugares, significados, deixar afetar-se ou ter a oportunidade de ser afetado pelo mesmo. Outra forma de aproximar-se com o mundo a nossa volta, está nas palavras, nos significados que construímos na linguagem. Podemos buscar entender em nossos arcabouços de significados, na língua portuguesa, o significado da palavra museu, que é definida no minidicionário de Francisco da Silveira Bueno como um "lugar destinado ao estudo, reunião e exposição de obras de arte, de peças e coleções científicas, de objetos antigos, etc".

No dicionário, podemos observar as descrições seguindo a sequência histórica relatada aqui, sobre o início dos museus e seus focos e abordagens que foram se adequando com o tempo e as novas necessidades do meio social. Primeiro, como um local destinado a estudos, com algumas pontuais ações em relação a arte como obra. O segundo aspecto de lugar de reunião de curiosidades nos

remete aos famosos gabinetes de curiosidades, coleções de objetos curiosos, que chamavam atenção das pessoas diante do não comum encontrado na época. Por fim, a última definição define aplicações que permanecem atualmente, como transformar locais históricos em museus, como casas ou locais onde fatos marcantes ou pessoas relevantes da história se situavam.

1.3. Museus – Cenários Brasileiros

Os museus que são abertos para visita diária no Brasil são instituições que recebem visitantes de todos os perfis socioeconômicos e interesses (que possam visitar esses espaços). Essas visitas podem ocorrer de variadas formas: investidas pessoais, na forma de públicos escolares, grupos, pessoas sozinhas, acompanhadas de responsável pelo museu ou professor que já vem com o grupo de visitantes. O museu, assim como espaços expositivos, são lugares onde há reunião de objetos e de pessoas.

No Brasil, país colonizado, as práticas museais foram iniciadas com modelos europeus. Com a educação nas mãos dos Jesuítas, a princípio, ligados aos interesses do papado e dependentes da corte, tínhamos dessa forma a igual influência de suas ideias ligadas à instrução de uma ideologia do dominante, isto é, dos colonizadores e grupos vinculados ao mesmo - a educação ligada por missionários do papado atuou também na formação de profissionais ligados às artes. Com a família real, foi criado o Museu real, trazendo para seu espaço o acervo natural de um gabinete de estudos com o nome Casa dos Pássaros, destinado, assim como nos primórdios dos museus europeus, a servir a um grupo seletivo da sociedade. Os demais permaneciam ilhados a margem.

1.4. Museus e o espaço educativo

A partir de 1980 surgem metodologias de aplicação a museus, após atas debatidas no Seminário Geral da Unesco sobre a Função Educativa dos

Museus, ponto de partida para uma reformulação das propostas. Considerando o cenário brasileiro, para além de seguir modelos europeus, com a preocupação de sistematizar os educativos de acordo com os espaços e buscando reatar e por como foco o público visitante.

As disparidades sempre permaneceram no âmbito educativo com relação às suas aberturas de iniciativa quanto ao público e seus métodos aplicáveis, trazendo o questionamento sobre o que e como cada museu se servia dentro do campo educacional. Uma nova movimentação se formou nos debates internacionais em que as discussões da museologia do século XX têm se voltado com grande interesse ao lado educativo nesses espaços, como Luciana Conrado Martins traz em sua tese de doutorado:

Nota-se também, de maneira bastante ilustrativa das transformações ocorridas nas instituições museológicas, que a maior parte dos verbetes nos “Conceitos chave da museologia” abordam aspectos relativos às funções comunicacionais e educacionais do museu, mais do que às funções de coleta, pesquisa e salvaguarda. (MARTINS. 2011, P. 69)

A influência de vertentes pedagógicas no setor educativo dos museus também é relatada pela Martins:

Considera-se que as transformações que transferiram o foco dos museus das coleções para os públicos, impulsionando a criação dos setores educacionais nessas instituições, não podem ser compreendidas sem uma percepção mais ampliada das tendências pedagógicas que ajudaram a conformar, de maneira mais ampla, o próprio campo educacional. (MARTINS. 2011, P. 71)

Grinspum (2000, p. 20) também evidencia o fator de ensino de artes nas escolas como grande contribuinte nas formas de abordagens educativas em museus, que buscam referências pedagógicas para suas práticas. As escolas, por sua vez, são regidas por diferentes vertentes e valores ideológicos e se utilizam de termos de abordagens com um histórico confuso de determinação ao que, de fato, se referem. O mesmo acontece a termos ideológicos utilizados no ensino formador de profissionais na área.

De volta à autora Martins (2011), em seu trabalho descreve as Pedagogias Renovadas como uma tendência que surge para contrapor às Pedagogias

Tradicionais que formavam a maior parte do ensino antes da chegada dessa outra tendência:

As Pedagogias Renovadas partem de uma concepção educacional na qual o educando tem um papel ativo, na medida em que sua atuação é considerada fundamental para que ocorra a aprendizagem. Diferentemente das pedagogias tradicionais, na qual o ensino é centrado na figura do professor e o aluno é encarado como um recipiente vazio, receptor passivo dos conhecimentos, as pedagogias renovadas entendem o educando como o sujeito da aprendizagem, capaz de buscar por si mesmo seus conhecimentos e experiências. (MARTINS. 2011, P. 72)

As Pedagogias Renovadas tomaram forma no Brasil através do movimento Escola Nova: um pedido de reforma e sistematização da educação brasileira baseada em princípios que rompiam com a educação até então tradicional, reivindicando que o aluno seja tratado como protagonista e não apenas como um suposto receptor de conteúdo.

Capítulo 2: Abordagens educacionais em museus e galerias, referências diretas de aplicação ou influências?

As definições de tipos de abordagens aplicadas em visitas acompanhadas por profissionais da instituição do museu ainda é inconsistente. Os termos se modificam de acordo com a subjetividade de cada espaço. Entre minhas práticas de dinâmica, seja com visitantes ou com colegas de trabalho, nominamos como "mediação" a abordagem proposta com os visitantes e toda a equipe, embora na prática em geral de todos ou a cada situação de grupo, o formato dessa mediação alterava às vezes drasticamente, deixando a dúvida sobre o que afinal estava sendo realizado. A única abordagem que tinha uma maior concordância entre todos, sobre como era traçada a alguns visitantes, era o que chamávamos de visita guiada: abordagem essa que era comum de se utilizar a visitantes adultos específicos, que eram beneficiados com a mediação em virtude de eventos ou condecorações.

Ainda não há uma diretriz de regulamentação ou guia de tais práticas, sendo estas, construídas de acordo com o corpo de atuação. Denise Grinspum em seu trabalho *Educação para o patrimônio: museus de arte e escola, responsabilidade compartilhada na formação de públicos* (2000), traz definições de três abordagens esquematizadas por Grinder e McCoy (1998), julgadas, pelos autores, como formas mais adequadas de abordagem, dentre elas, está a Visita-palestra, onde

O monitor fala a maior parte do tempo, oferecendo informações e dando pouca oportunidade ao visitante de interagir. No entanto, perguntas são bem vindas e os visitantes são encorajados a participar das discussões. Ocorre em tempo limitado, geralmente com hora marcada para iniciar e terminar. (GRISPUM. 2000 1998, P. 48)

É acrescentado que nessa abordagem existe um tempo destinado para visitação livre ao término no acompanhamento. O trajeto dentro do museu pode ser explorado pelo que é chamado de monitor, de forma a melhor prender a atenção dos visitantes, utilizando de dinâmicas corporais e sem a necessidade de definir um trajeto fixo.

A segunda abordagem é a discussão dirigida, onde o monitor lança questões para possibilitar respostas aos visitantes, intercalando essas perguntas com informações e fatos a respeito do que se visita, possibilitando uma escuta maior entre todos os envolvidos. A visita é controlada para a permanência dos objetivos do monitor.

Por fim, está a descoberta orientada, onde o monitor se responsabiliza por gerar uma questão-problema para que o grupo determine, diante desse ponto de partida, seus interesses naquele momento, intervindo algumas vezes para manter a descoberta de todos. Como relata Grinspum (2000)

Para a visita ser bem sucedida, os visitantes deveriam acreditar que a tarefa é solucionável, a informação é compreensível, o desafio da descoberta será envolvente e a informação que irão adquirir será aplicável para o resto da exposição. (GRISPUM. 2000, P. 49)

Estas três abordagens possuem características presenciadas no período em que trabalhei com visitantes em galeria, mostrando segmentações possíveis de aplicação nesses espaços. No entanto, tais abordagens não comportam o todo das práticas e das peculiaridades do cenário dos museus e galerias de Brasília, essas definições não foram presenciadas pela coordenação do educativo, não houve uma citação de uma vertente central pedagógica que seria seguida, e sim, de ideias e objetivos a desenvolver, como buscar ao máximo a participação e os interesses pessoais dos grupos atendidos, outras características serão observadas ao decorrer de algumas sistematizações sobre abordagens utilizadas com o público.

2.1. Visita guiada e suas aproximações

Grinspum (2000) escreve sobre as confusões e discordâncias que permeiam o cenário dos termos usados por museus nas abordagens, dando um panorama de que as iniciativas de orientação ao público através de um outro sujeito existem desde o século XVIII e que as formas que as orientações que se davam, iam sendo alteradas de acordo com percepções diferenciadas. Essas relações e mudanças são descritas pela autora nos pontos seguintes:

Visita guiada (ou Visita orientada)

As práticas do século XIX já eram visitas guiadas. As pessoas responsáveis por fazer essas visitas eram vistas como responsáveis pela reprodução das ideias do curador: quem determinava como as obras ficariam organizadas e qual o tema que seria retratado na exposição. Os visitantes ocupavam um lugar de escuta dentro dessa relação. O que lembra o tipo de abordagem que se tinha na Galeria Luxemburgo, primeiro espaço expositivo a ficar disponível ao público, onde foi publicado um catálogo com intenção de guiar o visitante pela exposição, isso em torno de 1750, quando houve a disseminação de iniciativas de recepção de público em diversos espaços. Esse catálogo não era uma investida acompanhada de uma pessoa responsável por ministrar a visita, mas se assemelha com o caráter fechado da visita guiada, que iria se desenvolver posteriormente.

Visita monitorada

Os museus passaram a denominar como visita monitorada as abordagens ao público. É apontado como razão, à hipótese dos museus terem dado início ao movimento de desvinculação das tais visitas guiadas (e as ideias de reprodução de uma narrativa imposta). Segundo a autora, "no museu, o monitor seria aquele que auxilia o curador no ensino dos conteúdos de uma exposição, na aplicação de exercícios, na elucidação de dúvidas" (GRINSPUM, 2008, P. 47).

2.2. Mediação

Buscando entender o que é mediação, coloco o significado da palavra seguida de sua ação consultada no dicionário: "MEDIÇÃO: Ato ou efeito de mediar, intervenção. MEDIAR: Dividir ao meio; intervir; ficar no meio; estar ou decorrer entre dois pontos ou épocas" (BUENO, 1996, p. 422).

A palavra mediação se aplica á várias ações. São formas de atos que se colocam entre: entre coisas, entre interesses, entre pessoas. O mundo está repleto de "entres", logo, seu significado se estende a várias aplicações. Apesar de essa palavra ser muito usada na abordagem de público em galerias e espaços culturais, não há um consenso da forma que é aplicada e vivenciada; não há uma sistematização fechada sobre. Talvez por suas tantas

utilizações é que a faz permanecer com seu caráter pessoal de estar entre várias coisas.

Esse panorama é comentado por Luiz Signates no início de seu texto Estudo sobre o conceito de mediação:

Devido a esse uso continuado, seria de se esperar que a palavra mediação remetesse a um significado claro, consensualizado entre os diversos autores e pesquisadores, e a operadores metodológicos cujas possibilidades e limites fossem minimamente conhecidos. Por incrível que possa parecer, não é isso o que acontece. (SIGNATES. 1998, p. 37)

Com o autor Signates, encontro na área da comunicação um debate mais amplo em relação as questões de mediação, o que tive dificuldade de encontrar em trabalhos da área de artes, embora, a mesma use nas práticas muito dos conceitos tratados na área comunicacional. No texto, Signates relata que o conceito de mediação procede principalmente de duas vertentes filosóficas, uma de origem cristã e uma hegeliana:

Tais vertentes são, obviamente distintas, a primeira ligando-se sobretudo à herança teológica (mediação do Cristo entre Deus e o mundo; mediação dos santos entre os pecadores e Deus) e, em seguida, tomando-se corrente no existencialismo, e a segunda, numa preocupação específica de explicar os vínculos dialéticos entre categorias separadas. (SIGNATES. 1998, p. 38)

O autor traz a observação de que ambas as vertentes se misturam, apesar de serem diferentes. Essa característica é observada nas práticas de visita guiada e mediação como investida educativa em museus e demais espaços educativos de centros culturais. Em minhas práticas nesses espaços, aconteciam visitas guiadas no sentido de apenas guiar visitantes na exposição, falando sobre técnicas das obras, datas, conceitos históricos isolados, que se referiam apenas aqueles objetos ou a uma leitura específica de teóricos ou curadores. Aconteciam, às vezes, momentos nas próprias visitas guiadas, que se mesclavam com investidas da mediação, como propor questionamentos de pontos pessoais, de vivência própria, ou quando os visitantes relacionavam esses temas ou puxavam assuntos fora do roteiro de guia.

Na prática, o que classificávamos como mediação, o exercício era de se voltar aos interesses, aos significados, as vivências pessoais dos visitantes. Algumas

vezes buscava associar aquele espaço e obras aos seus sentidos. Outras vezes, buscava a fala dos visitantes diante dos estímulos visuais que estavam presentes, para, assim, trabalhar diferentes formas de estar naquele espaço, seja pela leitura visual das obras, desde o mais básico como composição, cores, até os sentidos próprios de se interpretar livremente as obras, e, também, buscar abrir os olhos para a interpretação do outro, seja os colegas de visita, seja o artista. Acontecia de propor a leitura da própria galeria (pensada pelo curador), como disposição de quadros, sentidos, cores, com o diálogo buscava aproveitar as questões que surgiam.

Por vezes, o espaço era intimidador, um tanto impessoal aos que visitavam poucas vezes e a dinâmica de conversa dependia, também, de como aquela relação entre mediadora e grupos visitantes ia sendo construída naquele espaço tão curto de tempo, para que se sentisse a vontade e próximos. Dessa forma, oferecia algumas proposições e, nos casos onde se percebia um tempo próprio ou dificuldade de abertura ao diálogo falado, deixava que a visita acontecesse sem minha interferência, acompanhava disposta aos que quisessem. As formas e cartas eram muitas, dependia do que se desenrolaria em cada encontro.

Thais Regina Franciscon de Paula trata em seu texto sobre noções de mediação em sua origem filosófica, como foi dito por Signates, uma das principais vertentes da mediação tinha a preocupação em explicar o diálogo de objetos separados, seja quais forem. A autora Paula aponta sobre a ligação da mediação com um agente que se espera operando sobre a mediação, ou seja, a ação de mediação, para acontecer, precisa estar acompanhada pela ação de um elemento que relaciona outros dois elementos. Esse conceito utilizado é citado pela autora como existente desde a antiguidade:

quando diversos filósofos o usavam para relacionar dois elementos distintos de um raciocínio. Deste modo, esta noção exerce um papel importante na lógica clássica e especialmente na aristotélica, a qual remete à compreensão de neutralidade. (PAULA, 2012, p. 45)

Paula cita o trabalho de Aristóteles (1984, p. 71) que relata a respeito do conceito de mediedade. O filósofo apresenta o termo como uma virtude moral. Para ele, essa virtude só é desenvolvida com a capacidade de estabelecer uma

balança ao meio, entre falta e excesso: "o que dista igualmente de cada um dos extremos, que justamente é um único e mesmo para todas; por meio relativo a nós, o que não excede nem falta" (apud PAULA, 2012, p. 45).

Qual o território da mediação? Existem margens e fronteiras? Como já foi dito, o campo de aplicação e significâncias desse termo é amplo, ao passo de tornar dificultoso achar sistematizações ou referências fechadas, sobretudo, no campo das artes. Durante as buscas por referências teóricas, encontro fontes da área de comunicação que tratam sobre mediação, suas aplicações. Diante de uma aplicação vasta desse termo, buscar entender os não caminhos também é uma possibilidade de ao menos entender seus muito sentidos.

O autor Signates (1998) questiona em seu texto dois pontos que tocam essas questões do lugar da mediação através do não lugar da mesma. O primeiro ponto tratado pelo autor é o não lugar de mediação como intermediação. Intermediação, seu ato: "intermediar, Intervir; entremear; servir de intermediário"(BUENO, 1996, p. 370).

É relatado no texto que as instituições de comunicação passaram a serem tratadas como "intermediários entre grupos e instituições sociais ou mesmo entre racionalidades distintas" (p.40), no entanto, ainda que se faça essa intermediação, para Signates, isso não necessariamente seria mediação ou mediações. Ele argumenta que a busca pelo uso adequado do conceito mediação se esbarra na utilização genérica da palavra na própria língua portuguesa, onde muito se usa e pouco se dá embasamento do que seria exatamente essa prática. No texto, é explicado a razão de que mediação não seria intermediação:

Mas, as críticas ao que seria talvez o seu uso óbvio são consistentes; referem-se sobretudo ao fato de que a idéia de intermediação é diretamente dependente de um modo positivista de ver a realidade, que separa as suas categorias em partes tidas por preexistentes e independentes entre si e que, por isso mesmo, necessitam de outras categorias, externas a cada uma delas, para cumprir o papel de intermediárias e garantir as ligações que as tornam interdependentes.(SIGNATES 1998, p. 40)

Dessa forma, a intermediação serviria ainda a um sistema fechado de categorização (como a visita guiada), ainda que seja possível trocas desvinculadas de uma ação guiada, retornaria ao seu pressuposto de esferas prontas, o que foge do que seria uma mediação, pois abrange as relações de uma forma mais desvinculada, reconhecendo as margens diferentes e não isolando-as, e sim, buscando relações entre elas, a margem pode atravessar uma a outra, se tocar, sem necessidade de um isolamento sólido de cada uma, as margens, as esferas, são interdimensionais.

O segundo ponto seria a mediação como um filtro, pois, para o autor, filtrar seria uma ação muito orientada, contendo seleção de conteúdos e com foco apenas em informação. Para ele, "*o conceito de mediação não cabe nesse reducionismo teórico*" (p. 41), o lugar de filtro não pertenceria a prática de mediação.

Como possíveis caminhos da mediação, Signates (1998) cita um trabalho de Jesus Martín-Barbero, por ser um dos autores de maior influência nos trabalhos acerca de mediações sociais na pesquisa latino-americana. E pela razão dessa notória influência somado a minha identificação pessoal com suas ideias, insiro aqui esses possíveis caminhos sistematizados por Signates. O autor se utiliza da referência de Martín-Barbero cujo título do livro é *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* de 1997. Signates encontra todas as citações de Martín-Barbero a respeito de mediação e categoriza todas as que estavam relacionadas com a preocupação do termo mediação, ou seja, categorizando as que se relacionavam em sua opinião, com o que poderia ser possibilidades de conceito de mediação.

As possibilidades de conceito de mediação para Signates (1998) são: *como construto ou categoria teórica*, que lida com relações entre antinomias³, toma o possível de fato como uma possibilidade, colocando os opostos diante um do outro, um tempo particular que abriga tempos e durações diferentes. *Como discursividade específica*, "que absorve formas diversas de apresentação ou que vincula diferentes temporalidades ou socialidades" (1998, p. 41). *Como estruturas, formas e práticas vinculatórias*, para o autor, seria uma prática

³ Antinomia: Contradição entre duas leis ou princípios; oposição recíproca (BUENO,1996, p.57)

social que estabelece vínculos com estruturas que são diferentes, ou seja, diferentes racionalidades, diferentes lógicas, diferentes temporalidades. No entanto, tudo acontece em um mesmo tempo:

Prática cultural que absorve diferentes discursividades. Relação institucional e/ou econômica, cujos modo e periodicidade reorientam a intencionalidade artística de um tipo de produtor cultural. (SIGNATES. 1998, p. 42)

Como instituição ou local geográfico: nessa categoria, o autor fala que relacionariam sentidos, modos de vida e instituições, e a desativação dessas relações seria abandonar a condição de mediação, seria "lugar de vivência de sentidos ambíguos ou sintetizadores" (1998, p. 42). A última categoria é a mediação como *dispositivo de viabilização e legitimação da hegemonia ou resolução imaginária da luta de classes no âmbito da cultura*, nessa, o autor Signates explica fazendo uma citação direta da ideia de Martin-Barbero (1997):

Ofício da cultura, de cobrir diferenças e reconciliar gostos, cobrindo o conflito de classes pela produção de uma resolução no imaginário que assegure o consentimento ativo dos dominados, o que culminou na inversão da cultura popular em cultura de massa, evitando que se tomasse uma cultura de classe. (SIGNATES, 1998, p. 43)

Capítulo 3: Metodologia de pesquisa

A amostragem viabilizada através de entrevistas se refere a um retorno de responsáveis pelo atendimento ao público - dentro de programas educativos - em museus e espaços culturais situados no Plano Piloto. Diante das perspectivas abertas do que se denomina mediação, o questionário foi pensado com perguntas que mostrassem qual a concepção de cada atuante, seja qual for sua área, acerca de visita guiada e mediação; se conheciam ambas as abordagens e como desenvolviam suas ações diante da própria perspectiva de atuação e sentido de lugar dentro dos espaços em que trabalhavam.

A aplicação do questionário foi feita através da plataforma Formulários Google. Dessa forma, o questionário era acessível através da internet. As perguntas foram postas para serem preenchidas com a opção de ocultação do próprio nome. A escolha de aplicar através do Formulários Google foi devido a relação menor de interferência do entrevistador durante o processo. Assim, o entrevistado teria uma liberdade maior de tempo para as respostas, pois havia a preocupação de não pressionar os participantes bem como mais facilidade de disseminação da pesquisa.

A pesquisa foi baseada em Uwe Flick⁴, que aborda questões voltadas a aplicação de questionários através da internet. Utilizando dos termos do autor, optou-se na presente pesquisa pela aplicação de maneira nominada *forma assíncronica*, onde as questões são enviadas por redes sociais ou email aos participantes que podem responder em um horário e duração de tempo que lhe for conveniente, ou seja, independente de um tempo previamente escolhido e vinculado a presença do pesquisador, ambos não necessitam estar online na mesma plataforma. Em referência a Flick, a vantagem dessa forma de aplicação é o alcance maior de distribuição das entrevistas em variados locais, sem necessidade que se locomova presencialmente até a eles. O mesmo se aplica a não necessidade de locomoção dos entrevistados. Como benefício, tive maior facilidade de contatar e convidar participantes de vários espaços

⁴ Uwe Flick é professor na Universidade de Ciências Aplicadas Alice Salomon (alemã), leciona sobre pesquisa qualitativa. Autor de vários livros a respeito de pesquisa, foi utilizado aqui o seu livro *Introdução à Metodologia de Pesquisa* (2013).

culturais, galerias e museus. Outro ponto em concordância com Flick é a possibilidade de anonimato ao participante, de fato, deixar a opção de identificação como opcional é um ponto consideravelmente importante, somado as outras questões já citadas, como menor interferência do aplicador nas respostas dos entrevistados e em maior tempo para elaboração das respostas.

As entrevistas individuais completas e com mais detalhes acerca do perfil dos entrevistados se encontra disponível em anexos. Os locais de atuação dos participantes entrevistados foram os seguintes:

Centro Cultural Banco do Brasil - O CCBB Brasília localiza-se no Setor de Clubes Sul, Trecho 2 (próximo à ponte JK), no Edifício Tancredo Neves, projeto de Oscar Niemeyer, inaugurado em 1993 como sede do Centro de Formação do Banco do Brasil, no ano de 2000 foi inaugurado seu Centro Cultural, que possui atualmente um programa educativo terceirizado.

Museu Nacional da República - localiza-se no Setor Cultural Sul, lote 2, próximo à Rodoviária do Plano Piloto – Zona 0. Inaugurado em 15 de dezembro de 2006.

Caixa Cultural - localização em Sbs Lotes 3/4, SBS Q. 4, Asa Sul. A Caixa Cultural Brasília foi inaugurada em 1980.

Espaço Cultural Renato Russo - localizado na Rua Crs 508 s/n, Asa Sul Comércio Residencial Sul 508 Bloco A - Asa Sul. Resultado de uma ocupação por artistas de um galpão da sede extinta da Fundação Cultural de Brasília, foi inaugurado oficialmente em 1977.

Espaço Cultural Marcantonio Vilaça - localizado no Setor de Clubes Esportivos Sul - SCES, Trecho 3, Lote 3, Centro Cultural TCU. O espaço foi inaugurado em 2003.

Museu Correios - localizado no Setor Comercial Sul, quadra 4, bloco A, nº 256, ed. Apolo, Asa Sul. Foi inaugurado em 1980.

A primeira questão é referente ao local de atuação profissional do entrevistado. Com essa informação, é possível ter conhecimento de quais são suas localizações, há quanto tempo esses espaços estão funcionando, servindo de arquivamento para a continuação desse estudo.

Perguntar qual o curso/área da pessoa entrevistada, embora não seja tratado diretamente em minha pesquisa, não deixa de ser uma informação importante. Saber se a área de atuação se restringe ou não a cursos ligados diretamente com as artes, quais os envolvidos desse campo de trabalho? É possível que a concepção de visita guiada e mediação tenha semelhanças entre campos de estudo diferentes? e como isso influencia a sistematização dessa abordagem que está ainda em processo de entendimento do significado até mesmo da própria palavra.

O preparo para obtenção dos relatos pessoais dos entrevistados foi iniciado por partes, até que se alcançasse a somatória de cinco no total (diretamente ligadas ao tema de pesquisa). Antes de supor uma noção de conceitos, foi perguntado como esses sujeitos definiriam suas ações em galeria/museu, pensando em suscitar os conceitos mais efervescentes de cada um acerca desses momentos de ação, não objetificando uma resposta pronta. O intuito é preparar o caminho de diálogo. Em seguida, com o mesmo intuito de deixar respostas confortáveis, foi perguntado qual seria esse lugar de atuação, abrindo a possibilidade a mais de um lugar, quais seriam suas percepções próprias.

Após essas questões, adentro em uma forma mais direta de questionar com os conceitos. Primeiro, sobre o que sabem a respeito de visita-guiada o que eles entendem sobre o que ela é, diferente de perguntar o que acham, no intuito de ligar essa possível definição em relato com alguma relação mais teórica ou sistematizada; depois, perguntando quais seriam os pontos positivos dessa abordagem. Em segundo, foi feito o mesmo movimento de questões, nesse caso, relacionando a abordagem de mediação.

Finalizando, pergunto sobre qual das duas abordagens se aproximavam mais com suas práticas. O importante não era supor a resposta baseada em uma compatibilidade por completo de uma ou outra, mas o quanto se aproximava, com apenas essas duas opções de resposta fechadas.

Dentre as respostas anexadas, foram selecionados alguns relatos que se relacionavam mais diretamente com as questões discutidas na pesquisa (entrevistas completas disponível em anexo). Foi feito uma síntese de todas as respostas, que se fazem necessárias para entendermos as análises, somado a isso, um relato que será posto de forma completa, a entrevista 11, que foi aplicada com uma questão nova (a última desse relato) que será analisada posteriormente. Abaixo, os relatos descritos:

Entrevista 1: A primeira resposta anexada optou pelo anonimato.

Suas ações com os visitantes do espaço está aberta ao máximo de conexões que se pode despertar artisticamente. Visita guiada é atrelada ao conceito de informações curatoriais (do curador) e informações a respeito do artista. O curador e o artista são os focos, tendo como ponto positivo "compreender" processos de criação do artista e do curador. Na mediação é posto como foco a conexão entre público e obra. Como ponto positivo da mediação, foi respondido como a valorização das obras de muitas formas e individualmente. A mediação foi marcada como mais próxima de sua prática.

Entrevista 2: A segunda resposta anexada pertence a Luciellen Castro.

Suas ações com os visitantes foi respondida como mediação da exposição e de visita teatralizada. Visita guiada se baseia como características e informações da obra como foco central, com recorrências de ausência de outras interpretações. Como ponto positivo foi citado a possibilidade de aprender mais sobre um movimento artístico ou sobre a vida do artista. A mediação é tratar do tema da exposição de forma atrelada com a vivência do visitante, com trocas e diálogos, enfatizando a importância da visão do visitante como forma de expansão da obra. A mediação foi marcada como mais próxima de sua prática.

Entrevista 4: A quarta resposta anexada optou pelo anonimato.

Sua atuação com os visitantes foi respondida como apresentação da exposição e suas obras, auxiliando na formação de público crítico, dando início ao processo de leitura de imagem, para que se use desse conhecimento posteriormente. A visita guiada foi respondida como outra perspectiva da exposição, somando um saber a mais. Sua definição de prática de visita mediada não foi respondida. A mediação foi marcada como mais próxima de sua prática.

Entrevista 7: A sexta resposta anexada pertence a Filipe Campos Nunes de Souza.

Sua atuação se define como um hibridismo entre explicações sobre a exposição, relatos e interpretações entre os participantes, aproximando dessa forma a obra de sua realidade. A visita guiada se refere a uma abordagem direcionada aos dados sobre as obras, sem romper as formalidades do museu, sendo vantajosa para pessoas interessadas apenas no contexto da obra, sem vinculação com a própria vida. A visita mediada se refere a uma forma dinâmica de abordar o espaço da galeria, adaptando-se a situações, ele relata que por esse motivo os visitantes se aproximam entre si, causando maior empatia entre o grupo em si e em relação ao artista. A mediação foi marcada como mais próxima de sua prática.

Entrevista 11: A décima primeira resposta pertence a Narla Skeff.

Sua ação se pauta em encontrar-se com os diferentes públicos, sem intenção de apontar um objetivo a ser alcançado, "construir junto com eles um caminho que ultrapassa um processo simples de difusão da cultura", estimulando conversas culturais e diferentes interpretações. Skeff relata que suas possibilidades não se restringem apenas à exposição de arte ou ao espaço da galeria, acrescentando a possibilidade da mediação de ser em si um lugar. Para Skeff, visita guiada é uma visita orientada, referenciada como "visita palestra", onde é fornecido informações sobre o lugar e com a possibilidade de "tirar dúvidas". Com relação a visita mediada, Skeff relata que o termo mediação é muito utilizado em discursos de projetos educativos, não

significando sua efetividade, para ela, a mediação deve considerar "ações que estimulem a experiência e uma prática reflexiva", levantando questões e contextualizando, considerando afetos e interesses, gerando instrumentos que não seriam para fazer leituras, "mas abrir significados". Skeff situa a ação do educadora em "estimular conversas culturais" e facilitando produção de relatos, "narrativas pessoais a partir da experiência com o projeto". Sua abordagem depende do espaço em que está atuando e com quem, os roteiros de mediação são utilizados por Skeff com readequações de acordo com a necessidade identificada. Ela relata a busca deixar as possibilidades abertas, apesar de buscar o máximo possível do que seria "conversas culturais complexas" ainda assim, como é dito por ela, busca "supostamente uma autonomia que descarta inclusive a minha presença". A mediação foi marcada como mais próxima de sua prática.

3.1. Análise das abordagens educativas no cenário de Brasília

As respostas dos participantes da pesquisa mostrou que há no cenário de Brasília muito dos aspectos apresentados com as contribuições e sistematizações dos autores apresentados nos capítulos anteriores.

Houve um consenso entre todos os participantes: todas as marcações relacionadas à prática que mais se aproximava com suas respectivas atuações com o público em geral foram marcadas como mediação, no entanto, em outros questionamentos surgem questões que se distanciam dos conceitos ligados ao significado mais aproximado da palavra mediação, como o autor Signates (1998) sistematiza, citando o seu maior uso ligado a vertente filosófica, vertente essa que a autora Thais Regina Franciscon de Paula (2012) também cita em seu trabalho, em que a mediação é tida como um agente a serviço de dois lados.

A confusão que fazíamos nas práticas de trabalho sobre o que, por um lado, era apresentado por objetivo de abordagem dos projetos educativos de espaços culturais, por outro, o que entendíamos por essas abordagens, visto o limitado acesso a sistematizações e leituras do que, de fato, era de objetivo a ser desenvolvido, está sendo refletido através das respostas dos entrevistados, dessa vez, através de uma pesquisa, para além de uma percepção futura e pessoal de minha experiência ao decorrer das práticas.

Nas entrevistas, houve uma concordância em maioria, relacionado ao que seria a abordagem de visita guiada (entrevistas 1, 2, 7), conceitos abordados por Denise Grinspum (2000) como abordagem de ideias do curador: os visitantes em lugar de escuta. Outro segmento de visita guiada foi citada na entrevista de forma direta (entrevista 11), o termo apresentado por Grinspum: a "visita palestra", que muito se aproxima de visita guiada mas se difere. Na visita palestra o monitor possui o lugar de fala na maior parte do tempo, perguntas são bem vindas (diferente da visita guiada) e sua forma de utilização da galeria e ordem das obras é mais livre, buscando uma dinâmica de movimentação de focos.

A descrição da ideia de mediação seguiu conceitos abordados pelos artistas mencionados, Signates e Paula, uma abordagem que investe em uma ação de envolvimento entre visitantes e obras de arte, visitantes e espaço de exposição, buscando suas vivências pessoais, sua fala, ao contrário da visita guiada onde o foco está no objeto obra ou objeto/local, na mediação, o foco é o sujeito, portanto, estar entre vários movimentos.

As respostas da entrevistada Narla Skeff tocam as questões discutidas pelo autor Signates (1998), como a grande utilização do termo mediação, no caso, por parte de educativos, mas que não garantem sua prática efetiva, como observado nas outras respostas dos entrevistados, conceitos diferentes se misturam ao da mediação, ou mesmo são trocados de lugares, sem que a pessoa que o utiliza perceba suas ambivalências. Skeff coloca a sua prática de forma próxima ao discutido no texto da autora Paula (2012), agindo como os princípios filosóficos de uma balança que pondera diferentes lados, obra, visitantes, exposição, até mesmo considera objetivos de projetos que demandam alguns pontos a alcançar, portanto, a instituição ou projeto também é algo a se mediar.

Para Skeff a obra deixa de ser o objeto em foco, voltando para as relações com os visitantes que são recebidos e a outras esferas que esbarram nas relações exteriores ao local de origem. Uma observação interessante a fazer, por final, é a declaração da entrevistada que relata "gosto de permitir o acesso para além, supostamente uma autonomia que descarta inclusive a minha presença", ações que se seguem a uma prática que flerta com o desenvolvimento de uma autonomia, por mais que se tenha consciência da suposição de construção de uma autonomia que é feita em um ambiente ainda repleto de dependências, ainda mais se tratando em nossa recente investida em museus e espaços culturais nos cenários brasileiros, esse depoimento mostra que temos em Brasília exemplos potentes de atuação no desenvolvimento de mediação em artes visuais.

A expectativa em relação a pesquisa era de conseguir um maior mapeamento de ideias e conceitos ligados as práticas de todos aqueles que estão de certa

forma construindo um marco histórico. Os protagonistas da mudança ou da permanência, que se esbarram na liberdade do outro, no direito de escolha, em suas percepções próprias de dinâmicas humanas.

Um número menor do que o esperado foi alcançado, nos relatos, repostas ainda tímidas, um tanto descompromissadas ou vagas quanto sentidos, como ausência de relato sobre o que é mediação quando se assume que a sua atuação está vinculada a mesma, dito a grande dificuldade de se entender o campo utilizado por essa palavra mediação, é imaginado a ausência de respostas pelo não conhecimento desses embates e posicionamentos.

Mesmo diante da baixa participação e de respostas um tanto vagas, foi perceptível que o cenário de Brasília possui abordagens e percepções bem semelhantes, existe uma diferenciação bem marcada entre visita guiada e mediação, ainda que por vezes as margens de ambas as abordagens se confundam. Penso que faltam bases de estudo, ausências de investidas de pesquisas na área, trabalhos e debates que busquem colocar o tema na mesa, para que se explore, mas atrelado ao que se tem feito nos museus e espaços culturais na prática. A possibilidade é que falte base de formação nas faculdades, por ser uma investida nova ainda em Brasília, não há ainda tratamento obrigatório desses temas no currículo.

Minha experiência pessoal foi de contato e maior estudo sobre questões educativas e do papel da mediação de objetos de aprendizagem, signos e o papel do professor na minha passagem pelo curso de pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, diferente do Instituto de Artes, que pouco abriu espaço para o estudo em relação a isso, e em relação ao mais básico de um futuro profissional da educação, abordagens e questões de aprendizagens relacionadas ao ensino em artes visuais.

Investir na diferenciação dessas abordagens é assumir os museus e espaços culturais como lugares de aprendizagem, fazeres e lugares humanos. O ser humano é biologicamente sociável. Nossa aprendizagem está pautada nas trocas, no diálogo, o tempo todo estamos nos constituindo através da mediação

com o mundo. Cuidar dos espaços e de como as relações são tratadas nestes está atrelado ao bem comum e social. Com uma melhor formação dos profissionais e futuros profissionais desses espaços, maior será o ganho dos que ali frequentam, como sujeitos atuantes na sociedade, utilizando dos objetos materiais e imateriais da arte e da sociedade para melhor compreensão de si, do outro e do mundo que o cerca, trabalhando a nossa plasticidade imaginária com todos os campos de sabedoria, a possibilidade é múltipla. Os museus e espaços culturais ganhariam, também, com pessoas que conseguem engajar seus sentidos nesses lugares, mais museus seriam criados, não apenas em locais polarizados, mas cada cidade ou grupo social ganharia mais investimento diante de um maior interesse que não é gerado pois não se entende o que acontece ali, a que serve aquelas paredes, aqueles objetos, a que serve uma casa vazia? Pessoalmente, possuo uma identificação forte com a mediação, com meu posicionamento e lugar de mediadora em artes visuais, o desejo é grande de desenvolver projetos e trabalhos relacionados à área, no entanto, falta investimento, falta acesso a educação de base, ao ensino de artes nas escolas, seria negligenciar mais ainda não optar por colocar esses sujeitos como foco, como protagonistas da mediação, o que pode ser feito por nós, a cada visita.

Conclusão

No exercício de meu estágio remunerado, sob a orientação e título de mediadora de exposições e atividades, existia uma percepção pessoal de entendimento em relação ao meu trabalho, ao meu ver, estava mediando diálogos e interesses dentro das galerias e no espaço cultural. E me era observado praticar algo diferente das maçantes abordagens em sala de aula, longe de uma obrigação central de temas, e dessa forma, via a mediação como uma prática inovadora, ao menos ao que tocava a minha vivência e anseio de aproximação com práticas inovadoras de educação. No entanto, existiam problemáticas da própria mediação que não me era observadas, questionadas. Como estava entrelaçada ao significado pedagógico inovador, não havia pensando sobre o quanto, de fato, a mediação praticada por mim ou observada em colegas era de fato mediação. Com o início da minha pesquisa a respeito do que circundava a mediação, os museus, as origens etimológicas das palavras, a percepção sobre as superficialidades de como o tema é tratado atualmente deram início, junto com o amadurecimento e percepção sobre a minha própria prática.

A procura por referências de trabalhos foi difícil desde o princípio, principalmente na Biblioteca Central da Universidade de Brasília em que apenas um trabalho de museologia tratava sobre o tema buscado. Vivenciei em minha graduação em artes visuais grandes dificuldades em relacionar o lado educacional com as disciplinas ou espaços de fala durante as aulas, com matérias práticas voltadas mais para o campo de atuação do bracharelado, o momento mais voltado para a licenciatura se isolou nos estágios obrigatórios. Relacionar o campo educacional foi apoiado em minha trajetória anterior na Faculdade de Educação no curso de Pedagogia, imensamente importante para articular as problemáticas que viriam do meu campo de atuação, com as práticas educativas em museus e galerias. Somado a isso, as conversas com colegas e apoiadores da área, foram essenciais para a avalanche de dúvidas que foram surgindo, perguntas se alimentaram uma evolução em minha aprendizagem.

Meu anseio por seguir práticas inovadoras na educação, como A Escola da Ponte de Portugal e o Projeto Âncora aqui no Brasil, baseados na autonomia, também contribuíram imensamente pro entendimento e para a minha postura como mediadora em artes visuais, buscando o protagonismo e a vivência pessoal de todos os envolvidos. Refletindo sobre toda uma dívida histórica de imposições e negações de direitos, que me levam a ter uma atitude profissional pautada no próprio sujeito.

A metodologia escolhida para aplicação das entrevistas visava conseguir uma maior participação de pessoas e mais informações a respeito das abordagens de visita guiada e mediação do que se deu na prática. Ainda há muita resistência dos participantes em geral em contribuir com essas pesquisas, o que dificulta em somar esforços para o crescimento da própria prática. Esforços esses, que, independe ser da área de artes visuais ou museologia, visto que tantos outros não necessariamente são dessas áreas, mas atuam também em espaços culturais e museus. Mesmo com essa resistência, os participantes trouxeram importantes relatos para a compreensão da questão do trabalho, servindo de exemplos reais de articulação da parte conceitual, do pesquisado, com a realidade de vários espaços que trabalhei ou que são campos de estudo a todos nós.

A minha vivência em trabalhos de mediação em artes visuais e a pesquisa feita apontam para um cenário de investida na utilização da abordagem da mediação nos espaços educativos. Existe uma preferência da abordagem mediada diante da visita guiada nos projetos, com as investidas de valorização do protagonismo cultural da população, do lugar de fala, que não são contemplados em uma relação fechada de não diálogo ou unidirecional.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Estatuto dos museus, Brasília: Presidência da República, ano 2009, n. 11904, 14 jan. 2009.**

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm?fbclid=IwAR1c-](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm?fbclid=IwAR1c-4lmjbOg_GMvTUfu9jsn7DNI8FQv9XxUC850h7If4QokgzZ39NyV2zA)

4lmjbOg_GMvTUfu9jsn7DNI8FQv9XxUC850h7If4QokgzZ39NyV2zA. Acesso em: 31 jul. 2019.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

GRINDER. Allison, McCOY, E. The good guide. a sourcebook for interpreters, docents and tour guides. 15.ed. Arizona Ironwood 1998. In: GRINSPUM, Denise; MARTINS, Maria Helena Pires. **Educação para o patrimônio: museus de arte e escola, responsabilidade compartilhada na formação de públicos**. São Paulo: USP, 2000. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/> Acesso em: 04 jun 2019.

GRINSPUM, Denise; MARTINS, Maria Helena Pires. **Educação para o patrimônio: museus de arte e escola, responsabilidade compartilhada na formação de públicos**. São Paulo: USP, 2000. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/> Acesso em: 04 jun 2019.

MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. <https://bit.ly/2Je9t4N>. Acesso em: 04 jun 2019.

PAULA, Thais Regina F. **A mediação em museus**: um estudo do projeto " Veja com as mãos". 2012. Tese (Mestrado) Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2XLPYIV>. Acesso em: 04 jun 2019.

SILVEIRA, M.T. Museografia e História da Arte: a experiência de Jeanron no Louvre na República de 1848-1852. In: **MODOS. Revista de História da Arte**. Campinas, v. 3, n. 1, p.26-42, jan. 2019. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/1297>. Acesso em: 04 jun 2019.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de Comunicação. In: **Novos Olhares**, número 12. 2003. p.4-19 Disponível em: <https://bit.ly/2XEHEuv>. Acesso em: 04 jun 2019.

SOTO, Moana Campos. Dos gabinetes de curiosidades aos museus comunitários: a construção de uma concepção museal à serviço da transformação social. **Cadernos de sociomuseologia vol 48**. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2G1ME23>. Acesso em: 04 jun 2019.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Anexo A

Primeiro questionário entregue

Pesquisa para o TCC

Pesquisa sobre as contribuições entre visita guiada e visita mediada, para o trabalho de conclusão

de curso.

1. Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

2. Seu nome (opcional)

3. Qual a área do seu curso?

Artes visuais - Licenciatura

Artes Visuais - Bacharel

Artes Cênicas

Museologia

História

Letras - Português

Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS

Relações Internacionais

Teoria, Crítica e História da Arte

Outro: _____

4. Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

5. Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

6. Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria paravocê? Quais os pontos positivos?

7.Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você?Quais os pontos positivos?

8.Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Visita guiada

Mediação

Anexo B

Questão adicionada ao questionário

9. De acordo com a resposta anterior (opção escolhida), como costuma ser sua abordagem? quais os pontos principais a seguir?

Anexo C

Entrevista 1

Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

CCBB DF

Seu nome (opcional)

anônimo

Qual a área do seu curso?

Pedagogia

Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

Busco conexões entre os diversos lugares que proposições artísticas podem despertar.

Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

Mediador, e conversador.

Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria para você? Quais os pontos positivos?

Sim, trata-se de informar o público sobre o que norteia a mostra/exposição, ressaltando informações relevantes pela curadoria/artista. Há possibilidade de compreender alguns processos de criação dos envolvidos. Entretanto, prefiro práticas de mediação.

Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você? Quais os pontos positivos?

Sim, trata-se de conversar sobre o que conecta público e obra, as possíveis reflexões e poéticas fecundadas nessa relação. Acredito que o principal ponto positivo circunda o interesse em valorizar o porvir das obras de maneira múltipla e individual.

Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Mediação

Entrevista 2

Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

CCBB

Seu nome (opcional)

Luciellen Castro

Qual a área do seu curso?

Artes Cênicas

Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

Mediação da exposição/ visita teatralizada

Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

Mediadora

Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria para você? Quais os pontos positivos?

Sim. Visita guiada é quando as características e informações da obra são o ponto máximo da visita. Muitas vezes sem espaço pra outras interpretações. Ponto positivo talvez seja aprender mais sobre um movimento artístico ou sobre a vida do autor da obra.

Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você? Quais os pontos positivos?

Sim. É quando você traz a temática da exposição junto com as vivências do visitante. É uma troca, é diálogo. Quando a visão do outro também é importante pra expandir significados da obra. Isso possibilita uma visão mais plural.

Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Mediação

Entrevista 3

Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

Museu Nacional da República

Seu nome (opcional)

Anônimo

Qual a área do seu curso?

Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS

Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

Mediação

Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

Mediador

Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria para você? Quais os pontos positivos?

Sim, é uma visita onde o público pode saber detalhes técnicos e cronológico das obras. Positivo para elucidação de dúvidas quanto as obras.

Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você? Quais os pontos positivos?

Sim, uma conversa entre o mediador e o público de forma que o mediador possa falar sobre a obra e aproximar o público da mesma. O que tem de positivo é que a arte passa de alguma forma a ser acessível para o público a partir das experiências desse.

Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Mediação

Entrevista 4

Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

Caixa cultural

Seu nome (opcional)

Anônimo

Qual a área do seu curso?

Artes visuais - Licenciatura

Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

Faço uma apresentação da exposição e das obras de arte ali expostas. Meu objetivo é auxiliar na formação de um público crítico e iniciar no processo de leitura de imagem, para que, saindo do museu as pessoas possam compreender as imagens em qualquer âmbito.

Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

Educadora

Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria para você? Quais os pontos positivos?

Conheço. Para mim é uma outra perspectiva da exposição, um saber a mais.

Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você? Quais os pontos positivos?

(sem resposta)

Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Mediação

Entrevista 5

Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

CCBB

Seu nome (opcional)

Anônimo

Qual a área do seu curso?

Artes cênicas

Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

Mediação

Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

Exposições

Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria para você? Quais os pontos positivos?

Não conheço

Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você? Quais os pontos positivos?

Conheço.

Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Mediação

Entrevista 6

Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

Caixa Cultural

Seu nome (opcional)

Anônimo

Qual a área do seu curso?

Teoria, Crítica e História da Arte

Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

Mediação

Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

Galerias, oficinas, laboratórios criativos, seminários, curadoria

Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria para você? Quais os pontos positivos?

Visita guiada, não

Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você? Quais os pontos positivos?

Sim. Acredito que seja um diálogo aberto entre visitante e mediador para que ambos consigam elaborar a fruição de obras expostas. Os pontos positivos são múltiplos, tendo em vista o protagonismo do visitante enquanto local de fala, as trocas geradas, discussões, etc

Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Mediação

Entrevista 7

Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB (Brasília)

Seu nome (opcional)

Filipe Campos Nunes de Souza

Qual a área do seu curso?

Música

Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

Um hibridismo entre explicações sobre a exposição e troca de informações/relatos/interpretações entre os participantes que aproxima as obras da realidade do visitante.

Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

Dentro da galeria conversando com visitantes ou fora da galeria fazendo atividades musicais que contemplassem a exposição de alguma forma.

Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria para você? Quais os pontos positivos?

Conheço como uma visita mais direcionada aos dados sobre as obras e sem tentativas de quebrar o molde formal inerente do espaço museu, para pessoas interessadas apenas no contexto da obra sem relacionar sua própria vida ao exposto é uma ótima opção.

Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você? Quais os pontos positivos?

Conheço como uma forma mais dinâmica de abordar o espaço da galeria, buscando adaptar-se a cada situação e por isso costuma aproximar os visitantes pois causa uma sensação de proximidade e empatia entre os participantes em si e os artistas que fizeram as obras.

Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Mediação

Entrevista 8

Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

Museu Nacional da República. Centro Cultural Banco do Brasil.

Seu nome (opcional)

Anônimo

Qual a área do seu curso?

Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS

Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

Mediação cultural bilingue (Libras e Língua portuguesa)

Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

Arte-educação

Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria para você? Quais os pontos positivos?

Sim, entendo as visitas guiadas como um suporte para poder ter outras interpretações das obras dispostas nos espaços museais, assim como, poder, além de fruí-las, poder refletir sobre tais obras e para além destas obras.

Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você? Quais os pontos positivos?

Sim, penso que a mediação é uma forma de diálogos (e reflexão) entre obras, público e mediador. Um ponto positivo é a possibilidade de expandir o ato reflexivo e interpretativo à respeito da obra.

Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Mediação

Entrevista 9

Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

CCBB

Seu nome (opcional)

Sim

Qual a área do seu curso?

Artes Cênicas

Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

Uma troca de experiências

Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

Primeiramente o de escuta e conexão entre a história e vida do espectador e a obra

Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria para você? Quais os pontos positivos?

Um espaço de troca e de visão horizontal, onde todos colaboram no diálogo.

Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você? Quais os pontos positivos?

Sim, seria fazer uma ponte entre o espectador e suas experiências e a obra/artista

Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Mediação

Entrevista 10

Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

Espaço cultural Renato Russo

Seu nome (opcional)

Leticia

Qual a área do seu curso?

Teoria, crítica e história da arte

Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

Uma forma de convidar o visitante a entender e conhecer um pouco mais sobre esse mundo da arte

Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

Atualmente sou mediadora cultural, mas pretendo ser curadora

Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria para você? Quais os pontos positivos?

Sim, eu particularmente não gostei das experiências que tive. Era como se os guias só lessem as plaquinhas. Mas acredito que é um trabalho muito importante, principalmente para aqueles visitantes que nunca foram a uma galeria ou museu

Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você? Quais os pontos positivos?

Sim. Para mim é uma das áreas mais fascinantes que conheci, não sabia que a mediação poderia impactar ao público de uma maneira que os visitantes queiram retornar ao lugar e até conhecer mais sobre

Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Mediação

De acordo com a resposta anterior (opção escolhida), como costuma ser sua abordagem? quais os pontos principais a seguir?

Primeiramente costumo estudar e saber tudo sobre a exposição e o artista. E quando faço a mediação com o público, busco transmitir o valor da exposição de uma forma lúdica ou "chamativa"

Entrevista 11

Em qual espaço educativo/museu trabalha/trabalhou?

ECMV - Espaço Cultural Marcantonio Vilaça; Sapoti - CCBB/Brasília, Gente Arteira - Caixa Cultural; Educativo Lúmen - Museu Correios; outros projetos.

Seu nome (opcional)

Narla Skeff

Qual a área do seu curso?

Artes Plásticas - Licenciatura

Como você definiria o que faz em galeria/museu com os visitantes?

Encontrar-se com os diferentes públicos, preferencialmente sem apontar um destino a ser alcançado, mas construir junto com eles um caminho que ultrapassa um processo simples de difusão da cultura. Estimular conversas culturais admitindo diferentes bases interpretativas e valores sociais.

Qual seria o seu lugar (ou lugares) de atuação na galeria/museu?

São inúmeras as possibilidades que vão além da exposição de arte e do espaço da galeria. Afinal o trajeto de visita não se restringi alí. E inclui um imaginário além. A mediação também pode ser um lugar.

Você conhece a prática de visita guiada em galeria/museu? O que é? Como seria para você? Quais os pontos positivos?

Sim. Uma visita orientada (para ser gentil), geralmente dentro da ideia de uma "visita palestra", onde são fornecidas informações sobre o lugar, possivelmente aberta a perguntas para "tirar dúvidas".

Você conhece a prática de mediação em galeria/museu? O que é? Como seria pra você? Quais os pontos positivos?

Sim. Apesar deste conceito na última década ser comumente utilizado nos discursos dos projetos educativos por declaração, não significa sua efetividade. Como dito anteriormente no tópico em relação a prática com a qual me defino, a mediação de um encontro com os visitantes deve considerar ações que estimulem a experiência e uma prática reflexiva. Levantar questões, contextualizar, observar afetos e compartilhar interesses, o que permite gerar instrumentos, não para fazer leituras, mas abrir os significados, admitindo diferentes bases interpretativas e valores sociais. O educador está presente para estimular conversas culturais e facilitar a produção de relatos, de narrativas pessoais a partir da experiência com o projeto e as camadas que o tocam.

Qual se aproxima mais com sua prática? mediação ou visita guiada?

Mediação

De acordo com a resposta anterior (opção escolhida), como costuma ser sua abordagem? quais os pontos principais a seguir?

Depende do espaço em que estou atuando, como e com quem. Claro, existem demandas dos próprios projetos e instituições que visam ações mais específicas, e portando, dependeria também de aonde estamos falando. Alguns projetos, incluem o preparo de "roteiros", o que na minha opinião, foge do propósito da mediação educacional da arte, quando demandados prefiro chama-los de possíveis "nortes de mediação". Mas que poderiam ser direcionados ao sul, leste ou oeste. A prática inclui o que chamamos de acolhimento, um momento crucial, aonde não apenas serão realizados acordos mútuos da visita, mas trata de um primeiro contato físico com os visitantes, que originam um espaço e tempo como um público. Neste momento, busco entender com quem estou falando, e quais as expectativas para o encontro. Como também, desmistificar alguns aspectos de uma ideia de visita (guiada) para que as conversas sejam mais fluidas. Alguns "gatilhos", previamente pensados, ou construídos em outras visitas anteriores, podem ser utilizados. Mas tudo depende. Particularmente, embora um dos objetivos são essas "conversas culturais complexas", gosto de permitir o acesso para além, supostamente uma autonomia que descarta inclusive a minha presença.